

O VALOR POLÍTICO DE UMA EXPERIÊNCIA
Notas da Diaconia dos Universitários de Comunhão e Libertação
Milão, 29 de abril de 2019

Notas de um diálogo entre padre Julián Carrón e um grupo de universitários empenhados nas eleições universitárias (Milão, 29 de abril de 2019)

Julián Carrón. Vamos continuar o nosso caminho, a partir das duas lindíssimas canções que cantámos – *Will you still love me tomorrow?* e *Sou feliz, Senhor* –,¹ que têm por tema o que dissemos nos Exercícios de dezembro («O que resiste é que resiste ao impacto do tempo?»). «Será que ainda me amarás amanhã?» A quem é que podemos dizer isto? E depois: «Sou feliz, Senhor, porque tu vais comigo». Só há letícia na vida se não nos apoiarmos em nós mesmos, mas em Alguém presente, vivo, porque ressuscitou, e não dependermos das nossas capacidades. É uma bela libertação! Vamos começar.

Intervenção. *Quero contar algumas coisas que aconteceram hoje. Começámos a campanha eleitoral para a associação de estudantes na universidade, e foi entusiasmante. Há ousadia neste início. Impressionou-me esta manhã a conversa com uma amiga. Ela contou-me que no ano passado não se envolveu com as eleições, mas limitou-se a passar, a olhar, «mas ficando – dizia ela – como que fora do quarto», como se houvesse um vidro no meio e ela sentisse que não podia e não queria envolver-se até o fundo. Passou um ano e hoje disse: «De manhã acordei e para mim era um problema que hoje começasse a campanha eleitoral e se pudesse distribuir panfletos, no sentido de que me interessava, não podia passar ao largo». Ela não disse de repente: «Vou atirar-me a isto entusiasmada», mas: «Acordei e interessava-me, não podia simplesmente dizer: “Aqueles que façam, eu não vou”». Parece uma coisa mínima, mas na verdade é grande, porque diz que num ano ela ganhou motivos para confiar, de modo que, se “aqueles ali” – que no fundo somos nós, os seus amigos da comunidade – distribuem panfletos, para ela não pode ser indiferente. Para mim, também tem a ver com os cantos. Talvez uma pessoa não se envolva por medo, por temperamento, porque se faz, meio cética – devido à sua fragilidade – a pergunta: «Será que ainda me amarás amanhã?»; mas se, ao mesmo tempo, levanta-se e acha interessante os seus amigos dedicarem-se à campanha eleitoral, quer dizer que neste ano ocorreram factos que mudaram as coisas. Esta observação liga-se com a pergunta com que estou a introduzir-me na campanha eleitoral, uma pergunta que me faço em termos absolutamente positivos, não ceticamente: o que tem a ver o empenho eleitoral com todas as questões abertas que temos na vida? De facto, o sujeito que nestes dias for distribuir panfletos não muda o chip, tornando-se um “político”, deixando de viver, mas é a mesma pessoa. Eu tenho um monte de questões abertas e pergunto-me: como é que a beleza que vi esta manhã tem a ver com este ponto da minha vida que neste momento está meio suspenso e onde as contas não batem certo? É a pergunta com que entro nestes dias.*

Carrón. O que te sugere o que acabaste de contar? Tínhamos dito: «Não ficar na soleira das coisas»; o que significa ver uma pessoa em quem renasce o interesse e que não pode passar ao largo vendovos em ação? O que é que tornou isso possível? Aqui joga-se tudo. Que, num ano, a amiga de que falas tenha passado de – digamos assim – passiva, desconfiada, apática, a descobrir-se interessada de maneira nova pela vida e pelas coisas à sua volta, é tudo menos óbvio. Não dêmos por óbvia a mudança que se dá em nós. Tentemos, pelo contrário, identificar a razão adequada dessa mudança. Se não captarmos a origem do que aconteceu àquela rapariga, no fundo não restará nada. Ela teve a sorte de fazer esta experiência, mas o que é que tem a ver comigo, o que é que tem a ver com as eleições, o que é que tem a ver com a forma como eu me começo empenhar? Deixemos a pergunta em aberto. Outros?

¹ «Will you still love me tomorrow?», de Gerry Goffin e Carole King – The Shirelles, 1960; «Sou feliz Senhor», em *Cancioneiro*, Comunhão e Libertação, p. 139.

Intervenção. *Enquanto estava a ouvir, veio-me à cabeça um facto semelhante ao que acabou de ser contado. Aconteceu precisamente hoje, mas não tinha me impressionado.*

Carrón. Veem? Percebem qual é o ponto? Se ele não tivesse vindo aqui esta noite e não tivesse ouvido quem o precedeu contar aquele episódio, não teria “descoberto” o que hoje tinha acontecido com ele sem o impressionar, como se não o tivesse verdadeiramente registado. Às vezes uma pessoa pergunta: «Mas por que é que tenho que vir aqui?». Ou por que é que aquela rapariga precisa de participar de um lugar como este durante anos? Por quê? Para ser despertada, como tu, enquanto o nosso amigo estava a contar, foste despertado e deste-te conta do que te tinha acontecido «precisamente hoje» e que tinha passado quase despercebido. Por isso eu vos disse: não dêmos por óbvio aquilo que observamos. Que a rapariga se dê conta de que não pode passar ao largo, que um amigo dela, ouvindo-a falar, fique espantado e o refira aqui, que tu ouvindo-o contar o facto, te sintas chamado em causa, tudo isto não é fruto de um já sabido, que alguém aplica, mas é a dinâmica de uma vida. Se esta noite tu não tivesse vindo aqui, se ele não tivesse ficado atento ao que lhe aconteceu esta manhã com a amiga, se não se tivesse dado conta disso, a corrente que chegou até ti e até todos nós através de ti teria sido quebrada. Não é que não ocorram factos – ocorrem, e como! –, o problema é que tipo de educação é necessária para que esses factos construam a vida, como ao longo de um ano construíram a vida daquela rapariga, de modo que de apática e desconfiada, num determinado momento começou a ter confiança. O ano passado não foi inútil para ela – só teria sido inútil se tivesse ficado na comunidade como uma pedra –. Mesmo através de muitas distrações, muitos erros, muitos momentos em que não nos envolvemos na proposta, tudo o que nos acontece deixa uma marca em nós. A questão colocada pelos Exercícios (os vossos e os que fizemos com os adultos) e sobre a qual estamos a trabalhar agora é esta: amanhã – amanhã! – ainda restará algo do que estamos a fazer ou será que tudo está destinado a durar *only one night, only one day*, por acaso, *by chance*? Por favor.

Intervenção. *Vou então contar o que aconteceu, talvez possa ser útil. Um amigo dizia-me que habitualmente vai a casa ao fim de semana e uma vez por mês encontra os seus velhos amigos espalhados por Itália, alguns do Movimento, outros não. Este fim de semana viu-os e, diante de uma noite como as outras, em que não fizeram nada, jogaram poker e passaram o tempo, disse-me: «Pela primeira vez eu quis chamá-los à parte e dizer: “Malta, não aguento continuar assim”. Pelo que vivi nestes anos, quis olhá-los na cara: “Se estamos juntos, é para viver uma plenitude, não para preencher um vazio, porque já não aguento mais isto”». E dizia-o com orgulho: «Eu nunca disse uma coisa assim». Parece-me muito parecido com o facto contado no início.*

Carrón. Isso é interessante. Por que é, a certa altura, alguém pode dizer que não aguenta mais? Muitas vezes nem nos damos conta destas coisas. Na tua opinião, se uma noite passada sem fazer nada é o que todos fazem, por que razão é que alguém pode dizer: «Já não aguento mais»? O que é que lhe terá acontecido para falar assim, ao ponto de se sentir orgulhoso de tê-lo dito, consciente da novidade do que estava a dizer?

Intervenção. *Se pensar em mim, percebo o que quer dizer. De facto, também ne aconteceu uma coisa que eu jamais teria imaginado antes, que foi estar com algumas pessoas, com as quais a amizade, a longo prazo, como que fez subir o nível da expectativa perante tudo.*

Carrón. E o que é que isso quer dizer a respeito da pergunta sobre o que é que resiste ao impacto do tempo? Afinal, ele poderia ter dito: «Muitas noites vou à diaconia e participo nos gestos do Movimento, mas depois com os velhos amigos passo as noites sem fazer nada»; mas não, a certa altura não aguentou mais. Por quê?

Intervenção. *Por que já não consegues arrancar isso de ti.*

Carrón. Perfeito. Já não consegues arrancar isso de ti. O que é que já consegues arrancar de ti? Nós temos que nos dar conta disto, porque alguém poderia dizer: «Vês? Não fica nada. Por que é que eu preciso de continuar a participar?», «Por que é que preciso de fazer o sacrifício de vir aqui e de participar na Escola de Comunidade?», «Por quê ir ao Tríduo Pascal?». Mas o que ele viveu permaneceu, não desapareceu, *pfff*, e a certa altura, quando reencontrou os velhos amigos, diante da maneira habitual de estarem juntos, começou a ouvir um zumbido, não aguentou mais. Por quê?

Porque aquilo que ele viu nestes meses pôs em movimento o seu eu, “elevou o nível” da sua consciência. O facto de tu o teres contado é o sinal de que não passou desapercibida aos teus olhos a diferença desses factos. Quem se lembrou, ouvindo este relato, de episódios ou coisas que o marcaram nestes dias?

Intervenção. *Esse tema da mudança fez-me olhar para o que me aconteceu esta semana. No Tríduo Pascal pude voltar a ouvir, como dirigido a mim, o anúncio poderoso de que Cristo pode ser tudo para a minha vida. Isso abalou-me e questionou-me muito, e nos dias seguintes comecei a pensar: «Nós dizemos que a mudança não depende de nós, mas de Outro, mas se Cristo é tudo para a minha vida, quando eu voltar para a faculdade e me empenhar com as coisas que nos esperam, vou ter que construir muito, para mostrá-lo a todos, de alguma maneira». E isso dificultava que eu entendesse o convite que tu nos dirigiste para superarmos uma imagem psicológica da nossa mudança. Depois fui-me embora para estudar com alguns amigos e notei em mim que, aos poucos, o golpe acusado nos dias do Tríduo estava a começar a arrefecer: quanto mais eu me esforçava para estar presente nas coisas, ser convincente aos olhos dos outros, mais eu me dava conta de que não conseguia ser eu mesmo, no fundo sentia-me falso; embora nenhum dos amigos que estavam comigo tenha percebido isso, eu via-o em muitos gestos pequenos e dizia-me: «Mas eu não sou isto!». Cada vez mais eu me olhava e dizia: «Parece que silenciosamente eu estou a trair tudo o que me aconteceu». E isso afundava-me. Eu pensava: «Não consigo amar-me, tenho nojo de mim mesmo». Depois aconteceu que uma noite, no auge desse meu sentimento, houve um momento de profunda partilha entre nós, amigos, uma forma muito bonita de olhar para o que estava a acontecer entre nós naqueles dias; mas como reação baixei a cabeça e pensei: «Agora vou tratar da minha vida», como que dizendo: «É uma coisa que não me diz respeito, até porque eu traio, porque, porque...». Mas naquele instante, vendo o que estava a acontecer à minha volta, eu também me disse: «Neste momento estou psicologicamente destruído, não consigo nem sequer amar-me – poderia parecer a coisa mais natural –, mas o que está a acontecer aqui à minha frente é uma coisa excepcional, é uma coisa enorme». Então levantei a cabeça e olhei para os meus amigos, que estavam a contar. Não disse nada, não é que a minha condição emocional tenha mudado radicalmente; não, eu estava dorido como antes, mas estava lá; com todas as objeções, eu estava lá. Impressionou-me que à noite, quando fui dormir, não estava desesperado, como se nada pudesse recuperar toda a minha pequenez; ainda estava dorido – e ainda tinha a pergunta: «Como é que o que me aconteceu pode tomar tudo de mim cada vez mais?» –, mas no fundo estava tranquilo. No dia seguinte, apesar do que tinha ocorrido de grande, a minha “desmoralização” fez-me igualmente pensar: «Estão aí as eleições, estou a trabalhar nelas há dois meses, chega, não aguento mais, não vejo a hora de acabarem, assim posso recomeçar a estudar; esperemos que deem certo, porque se derem errado vai ser um problema». Nesse meio tempo, uma rapariga ligou-me e perguntou-me se poderíamos encontrar-nos com alguns amigos dela: «Assim tu já podes ajudar-nos a recuperar a razão por que fazemos as eleições», disse. Imediatamente pensei: «Como assim? Há dois meses que eu o proponho a todos, agora não tenho mais vontade, com que autoridade, com que cara de pau vou encontrar essas pessoas para dizer que vale a pena?». E, como na noite anterior, aconteceu que, ouvindo-a dizer-me: «Eu tenho o desejo de que os dias que nos esperam sejam a ocasião para experimentar a dimensão de uma vida nova, que nos faz ficar mais apaixonados por tudo, como o manifesto sobre as Eleições Europeias nos propõe», pensei: «Estou sem vontade, emotivamente estou em baixo, mas como desejo isto, como desejo esta vida que agora tu voltas a colocar diante dos meus olhos; não tenho vontade, mas como a desejo para mim!». Voltando do meu retiro de estudos, encontramos-nos para jantar com aquele grupinho de amigos e foi muito bonito, porque ninguém tinha interesse pela política, mas todos, uns de uma maneira, outros de outra, tinham visto gente que tinha começado a empenhar-se e que o fazia porque vivia uma vida transbordante, a transbordante riqueza do ser, pela qual a realidade de todos – a universidade, neste caso – era interessante para eles. Pelo que tinham visto, essas pessoas, que não tinham pendor para a política, começaram a arranjar o que fazer: uns pegaram nos panfletos, outros começaram a pensar na melhor forma de agir, para encontrar os outros, etc. Isso encheu-me tanto*

de gratidão, que esta manhã, dia em que finalmente começou a campanha eleitoral, acordei duas horas antes do normal; a vontade era o que era, mas eu estava todo cheio de desejo, de pedido, de modo que ir buscar os pacotes com os panfletos e fazer o que tinha que fazer foi como uma grande oração para que o que eu tinha visto nos dias anteriores – com os amigos com quem estudei, com a rapariga que me abordou e me envolveu naquele jantar, no Tríduo Pascal – pudesse cada vez mais tomar a minha vida. Não sei bem o que vai significar, mas desejo-o. Este dia foi emotivamente uma oscilação entre a angústia de dizer: «Quem sabe o que vai acontecer aqui, o que vai acontecer lá» e a surpresa de poder dizer: «No fundo, essa excepcionalidade, essa mudança continua reacontecendo diante dos meus olhos». Foi o que disse a primeira intervenção e eu vi-o esta manhã, entre nós.

Carrón. Qual é, então, a mudança? Tu precisas de apreender bem o significado do que dizes, porque se não crescermos na consciência da origem do que nos acontece, no fundo a mudança parecerá sempre depender de uma capacidade nossa. É preciso conseguir apreender a razão, o significado do que vivemos. Que mudança viste e de onde nasce?

Intervenção. *Tenho dificuldade em dizê-lo de forma analítica, mas o que vi era a maneira diferente com que os meus amigos se tratavam, chamavam a atenção um do outro. Foi a maneira com que esta manhã, na campanha eleitoral que acabou de começar, muitos do primeiro ano foram ao encontro de desconhecidos quase como se fosse uma festa. É esta a mudança que me acompanha e...*

Carrón. Isso é o que tu viste fora de ti, nos teus amigos. Interessa-me, além disso, o que viste em ti mesmo.

Intervenção. *A mudança que notei em mim, e que ficou nítida na noite com meus amigos nos dias de estudo (tanto que me disse: «Isto em mim é novo»), é que o que venceu não foi o meu desencorajamento, a minha traição, o meu ver-me tão pequeno, mas o que estava a acontecer.*

Carrón. Isso é muito importante. Como é que foste dormir? Repete o que disseste.

Intervenção. *Fui dormir dorido, mas esperançoso.*

Carrón. Exato. Tu também disseste: «Não desesperado, mas tranquilo». Vocês estão aqui precisamente porque o contributo que podem receber e dar a todos, empenhando-vos nas eleições, não tem a ver só com a situação da universidade (exercer a atividade de representante, precisando para isso obter lugares e o voto dos outros); é mais radical, diz respeito à nossa humanidade, àquilo de que todos nós precisamos para não ir dormir desesperados. Isto é infinitamente mais essencial e poderoso: a resposta ao drama nosso e de todos os que os encontrarem, aquele drama que tu próprio percebeste em ti. Aquilo que por graça levamos ao nos implicarmos, ao nos envolvermos nas eleições, não é só um contributo para enfrentar os problemas da universidade, mas é a resposta à verdadeira necessidade das pessoas, começando por nós. Então, a única coisa que ainda temos que perceber – refaço a questão – é que valor político tem o que nos aconteceu, o que é que te aconteceu a ti e a todos nós que estamos aqui. Se vocês reduzirem o valor do esforço que fazem simplesmente à conquista dos votos, em vez de reconhecerem que o valor está no que tu contaste, vão perder o melhor. Com efeito, se tu ganhares com folga as eleições universitárias e depois vencer em ti o desespero, que tipo de Europa vamos construir?

Eis por que temos que entender o alcance cultural (como dissemos nos Exercícios) do que fazemos, senão reduzimos a política à conquista de lugares. E se, além disso, a implicação é só um assunto de quem tem queda para a política, alguém pode dizer: eu não tenho esse queda. Mas nós não temos queda para a política, nós temos queda para a vida, temos queda para não irmos dormir desesperados, temos queda para ficarmos tranquilos, para sermos conscientes dessa riqueza transbordante do ser que nos alcançou. É para isso que temos queda. Interessa-vos? Nós não somos fanáticos por uma política reduzida, somos fanáticos pela política no sentido mais nobre do termo, pela política que tem a ver com a *polis*, com todas as pessoas que encontramos na vida diária, para que todas possam experimentar o bem que procuram. O facto de que os teus amigos estavam a viver algo grande é um bem para ti. Mas o que te testemunharam, assim como é um bem para ti, pode ser igualmente um bem para todos, aquele bem de que todos estão consciente ou inconscientemente à espera. Nesse sentido, falamos de bem comum; mas não de acordo com o conceito de bem comum que normalmente temos

na cabeça. Será que há algo que é mais “bem comum” do que o que te aconteceu a ti que pode ser oferecido aos demais?

Isto tem a ver com a política ou é simplesmente uma abstração sem incidência na história? O que tu descreveste é uma vida nova. E talvez, se tu não tivesses tido a oportunidade das eleições universitárias, não te terias dado conta tão nitidamente do que está a acontecer contigo. Cada circunstância individual, então, não está isolada do resto da vida: a vida é uma – estudamos na Escola de Comunidade – e tudo pode ser parte da construção do teu eu. Assim, ano após ano, a experiência que tu fazes na faculdade pode levar-te àquela confiança de que falou quem interveio primeiro, uma confiança que se enraíza cada vez mais em ti. Isso interessa-vos ou não?

Intervenção. *A mim interessa-me imenso, porque na verdade ainda não percebo bem este movimento em direção a todos, esta ação cultural, que eu desejo e percebo que tenho, mas percebo que não pode ser separada de um crescimento na consciência de mim. Queria contar uma coisa que me aconteceu ao organizar o gesto da Semana Santa. Para mim, foi continuamente uma luta entre afirmar-me a mim mesmo e afirmar algo diferente, que se impunha na minha frente. O padre que conduziu o gesto fez com que eu percebesse melhor, ajudando-me a mudar de posição, quando disse: «Não se preocupem em captar o que está para acontecer, deixem-se ferir, isso sim». Então, toda a ansiedade que eu tinha acumulado durante a organização do gesto caiu no momento em que alguém me colocou diante disso.*

Carrón. Vês? Se tu não te tivesses lançado, meio atrapalhado, se quiseses, até mesmo tentando afirmar-te a ti mesmo, não terias dado a oportunidade a alguém para te ajudar a viver e a tornar-te consciente do que acabaste de dizer. É a comparação constante que temos que buscar com a vida do Movimento. Tu fazes a tua tentativa, como Pedro vez a dele, quando disse a Jesus: «Não, a Jerusalém não, por favor!». E houve um Outro que o corrigiu, que o pôs de novo nos trilhos. Mas se Pedro só tivesse pensado, sem dizer uma palavra, Jesus não poderia ter dado um contributo à sua tentativa. Tu fizeste a tua tentativa; é verdade, uma tentativa irónica, sempre deficiente, como qualquer tentativa, mas é essencial que tenhas tentado, pois permitiu-te dar um passo: permitiu que outra pessoa te corrigisse e que tu, aceitando a correção, levasse a termo com verdade o que tinhas começado. Outra pessoa no teu lugar poderia ter dito: «Já que há o risco de fazer algo de uma maneira errada, não vou fazer nada, assim tenho a certeza de não errar». É justamente o que Jesus repreendeu aos fariseus na parábola dos talentos: «Para não usá-lo mal, enfio o talento debaixo de terra, e assim tu não podes repreender-me em nada». «Como assim, não posso repreender-te em nada? Repreendo, e como!, pois tu poderia pelo menos tê-lo depositado no banco!».

Só quem arrisca, tentando e de maneira irónica, é que pode ganhar algo. Não nos assusta o facto de tu fazeres uma tentativa irónica: Ele vai pensar em levá-la a termo, levando-te aonde tu não chegarias sozinho. E isso são outros quinhentos.

Intervenção. *Eu reconheço isso na minha experiência, mas é como se surgisse em mim uma pergunta, talvez mais uma dúvida: muitas vezes não é clara a conveniência de seguir uma tentativa irónica, arriscando, lançando-me para os outros, para algo que está fora de nós. Não sei se está claro.*

Carrón. Certo!

Intervenção. *É uma experiência que faço na minha comunidade, onde é muito mais fácil ficarmos abatidos, debruçando-nos sobre nós mesmos em vez de ir para fora, em direção aos outros.*

Carrón. Por isso é que te estou a valorizar, porque tu colocaste toda a tónica no teu erro, que a outra pessoa precisou de corrigir; enquanto eu estava a dizer que a tua ação foi decisiva para ti e para o outro que te corrigiu. A tua ação não era óbvia, e poderias ter pensado: «Se eu tiver que correr o risco de fazer algo errado, é melhor não fazer nada». Mas fizeste uma tentativa, e isso não foi igual a zero. Como viste, é um valor, embora muitas vezes a tentação é de recuar. Por isso, primeiro, não dês por óbvio que algo aconteceu em ti devido ao facto de te teres envolvido na preparação do Tríduo Pascal. Não o dês por óbvio, porque poderias não te ter movido. Isso já indica que o Mistério se envolveu contigo e te despertou, como disseram na primeira intervenção: uma rapariga, graças ao caminho feito num ano, passou a interessar-se pela primeira vez pelas eleições universitárias. Depois, ao longo do

caminho, a pessoa pode até descobrir que, ao seguir esse interesse, olha só para o próprio umbigo, como tu disseste que te aconteceu; concordo, mas isso não pode eliminar o bem da tentativa, da ação. Veremos se, por causa do interesse que se despertou nela, essa rapariga vai ou não fazer a sua tentativa, que talvez precise de uma correção ou de um desenvolvimento posterior para chegar a uma realização. «O ótimo é inimigo do bom», diz-se, porque esperando ser perfeitos nunca nos lançamos. Mas não tenham medo de serem imperfeitos.

O que vocês estão a contar é muito interessante, pois é libertador. Não te preocupes com que tudo seja perfeito antes de intervir dizendo A ou B. Diz o que quiseres dizer, faz a tua tentativa irónica. Eu sempre uso a expressão “tentativa irónica”² porque me liberta: não tenho que esperar ser perfeito para dizer ou para fazer, todos somos uns coitados e a nossa tentativa sempre será irónica. Não preciso sempre, antes de falar, de poder dizer com segurança: «Isto é dogma, isto é evidente, isto é mais claro que o sol»; na maioria das vezes não conseguimos falar assim, eu pelo menos não consigo. Por isso digo que a nossa tentativa é sempre irónica e nos deixa livres para nos lançarmos. E o Mistério, que cuida de ti, colocará ao teu lado alguém que te dirá: «Olha, vou levar-te até ali, vou levar a tua tentativa até ali».

Intervenção. *Então como é que nós podemos ajudar-nos? A tentativa é suficiente? Se eu pensar na minha responsabilidade em guiar a expressão da nossa presença na faculdade, eu pergunto-me: neste trabalho é suficiente a minha tentativa? É suficiente a minha tentativa para nos ajudar a não cairmos na mera organização de eventos?*

Carrón. É suficiente! Digo que por enquanto é, o resto tu vais aprender ao longo do caminho. Porque, se tu colocares uma pré-condição – o que eu faço tem de ser perfeito, tem de ser completo, tem de ser impecável –, então obrigatoriamente vais concluir: «Eu não sou capaz». Não é? Mas quem é capaz? Levante a mão quem é capaz de fazer algo de forma perfeita. Quem? Ninguém. Mas tu tens a possibilidade de fazer uma tentativa. Não estou a perguntar se tu és adequada, se já extraíste todas as consequências dela; digo apenas: «Estás disponível?». E tu poderá dizer-me: «Tu perguntas isso precisamente a mim?». Como poderia ter dito quem falou antes de ti: «Mas tinhas que vir ter precisamente comigo?». A pessoa pode sentir-se inadequada, e todos o somos num sentido profundo, mas isso não tem a ver com estar disponível. Tu estás disponível? Sim, estou a dizer isto a ti mesmo (lembremo-nos do chamamento de Mateus, de Caravaggio): tu estás disponível? Ponto.

Isto basta: estar disponível. O resto virá ao longo do caminho. Isso liberta-te. Senão paralisas antes mesmo de começar. Tu não gostarias que a tua tentativa irónica pudesse melhorar e alguém te desse um contributo? Gostarias? Sabe, então, que alguém te dará, um Outro te providenciará. Alguém que morreu e ressuscitou por ti; é Ele quem pensará em te dar um contributo. «Ele, que não poupou o seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como é que, com ele, não nos daria todas as coisas?»,³ diz São Paulo. Não é pouca coisa! Se Deus não poupou nem sequer o seu próprio Filho, como é que não nos daria todas as coisas com Ele? Como? Vamos descobrir ao longo do caminho.

Intervenção. *Esta coisa que tu disseste marcou-me muitíssimo. De manhã eu assumi o turno para montar a barraquinha para as eleições do CNSU (Conselho Nacional de Estudantes Universitários, ndt.); como também temos as eleições internas da nossa faculdade, estamos nisto já faz uma semana. Esta manhã eu estava na barraquinha meio pensativo e dizia-me: «Estamos aqui há uma semana, as pessoas já se devem ter cansado de nós, não temos nem um café ou um biscoito para oferecer para atrair as pessoas, estamos só nós com os nossos panfletos. Além disso, por que nos preocupamos*

² Dom Giussani disse aos universitários em 1976: «A presença “age” por tentativas irónicas, não cínicas; a ironia é o contrário do cinismo, porque nos faz participar nas coisas, mas com alguma separação – reconhecendo a fragilidade – e com paz, pois é toda cheia de paixão pelo Ideal já imanente. Assim podemos ser ágeis em mudar amanhã o que realizamos hoje, livres do que fazemos e das formas que necessariamente damos às nossas tentativas» (L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza. 1975-1978*. Milão: Bur, 2006, p. 72).

³ Rm 8,32.

tanto, se no fim talvez elas nem votem?». Eu estava a pensar em tudo isso, e nesse entretanto montava a barraquinha, abria o guarda-sol, tomado por uma ideia de perfeição: era preciso ter toda a estrutura pronta para alguma coisa poder acontecer. Enquanto estava a ir pedir autorização para ocupar o espaço fora da faculdade, vi sair os que estavam no mesmo turno que eu: não tinham café, não tinham biscoitos para oferecer, não tinham nenhuma estrutura, só tinham os panfletos na mão. Eu pensava: «Todo a gente já os viu!». Para minha surpresa, eles puseram-se a parar cada pessoa que entrava na universidade. Impressionaram-me. E não acaba por aqui! Ao final escreveram-nos: «Amanhã de manhã vamos sair de novo às oito e meia, porque fazer a barraquinha às oito e meia é como acordar ao amanhecer para ir às montanhas, é uma coisa que te muda». Eles contaram de encontros, de alunos que ficaram impressionados, de pessoas que já os tinham visto e que voltaram. De gente que age assim e diz: «Eu não preciso de uma estrutura, tenho tanta gratidão e certeza do que me é dado que tomo a iniciativa e encontro quem está aí», nasce até uma organização nova, a ponto de um deles ter dito: «Amanhã de manhã poderíamos trazer uma garrafa térmica com café para as pessoas que encontrarmos». Para mim, porém, a precondição para poder acontecer alguma coisa era que houvesse a estrutura, e só depois o eu.

Carrón. Perfeito. E o que é que percebeste?

Intervenção. *Percebi que o que muda a minha vida não é principalmente a estrutura.*

Carrón. De facto é o eu, é o movimento do eu o que muda – e que amanhã criará também a estrutura –. O que te impressiona é que, enquanto tu estás preso na tua tentativa – que deveria ser sempre irónica, como dissemos –, há mais alguém através do qual o Senhor te alcança para te libertar e fazes-te ir em frente, corrigindo-te. Vejam que delicadeza: Cristo corrige-te quase sem te corrigir, sem te humilhar, simplesmente fazendo-se presente a ti através de um grupo de amigos entusiasmados em entregar panfletos: «Amanhã, às oito e meia. A barraquinha é como acordar ao amanhecer para ir às montanhas: muda-te!». Não te reprime sequer por teres ficado preso no problema da estrutura: não, não, não, simplesmente coloca-te diante de algo infinitamente mais atraente, libertando-te até da humilhação de te corrigir. Se tu não tivesses contado isto esta noite, nenhum de nós teria ficado a saber: tu foste levado mais além sem te teres sentido humilhado. Vocês dão-se conta? Onde é que isto acontece fora da experiência cristã? Onde é que se encontram pessoas assim? A maioria das pessoas humilha-nos, não é? Aqui isso não é preciso.

Parece-me que qualquer um pode ver o ganho de nos termos encontrado esta noite – pelo menos eu vi –. Independentemente de como cada um de nós pode ter chegado aqui, do sacrifício que fez, de como foi arrastado até aqui, talvez até sem vontade, quem esteve minimamente atento não pode deixar de ir embora feliz pelo que viu, por algo que aconteceu, simplesmente ouvindo o relato do que aconteceu com outras pessoas e deixando-se marcar pelo que o Mistério moveu nelas. Uma rapariga mudou – como disse a primeira intervenção – e de apática que era surpreendeu-se interessada nas eleições, tendo ganhado num ano uma confiança que antes não tinha.

Entendem a dimensão de uma participação, como a que nós vivemos, num lugar como este? Um lugar que vence a coisa mais insidiosa da nossa cultura, que é a desconfiança, da qual é difícil curar-se porque se insinua nas entranhas do eu. Que uma rapariga se levante de manhã com essa confiança, visível no interesse que tem pelas coisas que no ano passado nem considerava, demonstra como o Mistério continua a estar presente e como a celebração da Páscoa não é um conto de fadas. «Ele está aqui, como no primeiro dia», para usar as palavras de Péguy, com uma pertinência e uma carnalidade histórica capazes de provocar um interesse novo pela vida, de redespertar o eu, como aconteceu com o amigo do qual falou a intervenção seguinte. Na maneira de estar com os seus velhos amigos, ele percebeu um zumbido, deu-se conta de algo que outras vezes tinha passado despercebido. Vivendo imerso na comunidade cristã, com os limites de todos, tropeçando como todos, com as suas tentativas irónicas, algo mudou na profundidade do seu eu, de modo que a certa altura disse aos velhos amigos: «Não aguento mais viver no nada».

Então começamos a dar-nos conta de que a mudança diz respeito à coisa mais importante que existe: a nossa pessoa. A nossa traição e os nossos erros levam-nos a não nos amarmos, a uma falta de estima

por nós mesmos. Mas ver o que acontece aos outros, no lugar que o Mistério me deu para a minha construção, faz com que eu vá dormir mudado: não desesperado, mas tranquilo. Assim a pessoa começa a participar da vida nova de que a liturgia fala nestes dias do tempo Pascal. É uma vida nova, não uma coisa virtual; é uma vida nova, real e nova, de tamanha superabundância, de uma riqueza tão transbordante, que permite ao nosso amigo levantar o olhar e enfrentar os desafios que tinha à frente – as eleições às quais se dedicava fazia tempo – com todo o desejo de que era capaz, quase como se fosse uma oração («Fazer o que eu tinha que fazer foi como uma grande oração»).

É assim que o Mistério corrige a nossa tentativa, como ilustrou outra intervenção. Mas a tentativa é suficiente? Sim, a tentativa é suficiente; está disponível, Ele pensa no resto. Mesmo que tu reduzas tudo a uma questão de estrutura, há sempre alguém que te muda, com o entusiasmo que vive, com a graça que Deus lhe dá a ele ou a outros amigos. Assim tu dás-te conta de que tudo se joga não na estrutura, mas no eu, na nossa disponibilidade para nos deixarmos impressionar por um outro. Nós dissemos: a mudança está no reconhecimento de Alguém em ação no meio de nós. É como se começássemos a dar carne às palavras que escutamos nos Exercícios de dezembro. Se começamos assim, imaginem o que nos espera no resto do caminho.

As eleições são uma ocasião, como vimos. E não primeiramente por causa do resultado que vocês vão obter. Podem ser também desse ponto de vista, porque se alguém encontra pessoas que fazem campanha eleitoral como vocês e volta para casa à noite feliz, em vez de desesperado, vocês acham que isso não vai incidir no voto? De facto, só consegue mudar de verdade a maneira de pensar de uma pessoa o que chega a tocar o centro do seu eu. Eis por que eu disse que temos que descobrir também a dimensão política do que vivemos. Senão acabaremos reduzindo a política a uma questão partidária. E se isso não interessa a vocês, imaginem aos outros! Descobrir a dimensão política do que vivemos faz parte da mudança que precisa ocorrer no modo de conceber a política, porque o que por graça nos é dado e tentamos viver é o bem que todos estão esperando, a partir de cada um de nós: todos nós estamos esperando que esse bem aconteça ou reacconteça na nossa vida. É um bem que todos desejamos. É um «bem comum», porque é o que todos esperam.

*«É mais radical, diz respeito à nossa
humanidade, àquilo de que todos nós precisamos
para não ir dormir desesperados»*

*«Isto basta: estar disponível. O resto virá ao longo do caminho. Isso liberta-te.
Senão paralisas antes mesmo de começar»*